

Relato de experiência: A maquete como ferramenta de ensinoaprendizagem nas aulas de Geografia.

Área temática: Educação Especial

FILHO, J. H. M.

Graduando em Geografia

heliomesquita.geo@gmail.com

SILVA, F. A. S.

Graduando em Geografia

filipe.adan@yahoo.com.br

Orientador(a): MUNIZ, A. M. V

Doutoranda em Geografia

geoalexandra@ufc.br

Instituição: Universidade Federal do Ceará (UFC)

Introdução:

A visão é um dos cinco sentidos que precisa ser explorado para o desenvolvimento de habilidades e competências no ensino de geografia. A geografia prioriza, no estudo da paisagem, uma experiencição ocular para o entendimento de suas dinâmicas, morfologias e características, tendo a visão como um meio didático de acentuada importância. Porém, como traduzir essas dinâmicas, morfologias e características de uma forma que contemple um aluno deficiente visual em uma escola inclusiva? Como afirma MASINI (1990):

o “conhecer” esperado no D.V. (*deficiente visual*) tem como pressuposto o “ver” e que, portanto, não se leva em conta as diferenças de percepção entre o D.V. e o vidente. [...] Assim, o D.V. permanece oculto, ao ser apresentado pela visão unidimensional da visão. (MASINI, 1990, p.29)

Ensinar geografia de forma adaptada à ausência de visão se apresenta então como um desafio de empatia ao professor, que precisa tentar compreender a maneira como se efetua a compreensão do espaço para um deficiente visual e buscar estratégias em “que se utilize o potencial visual útil e os sentidos remanescentes de cada aluno, para que ocorra realmente o aprendizado” (HARLOS, *et al* 2010).

Neste contexto, o presente trabalho busca demonstrar como o recurso didático da maquete, através da utilização do tato, pode vir a auxiliar o estudo do conceito de relevo voltado não somente para o aluno deficiente visual, mas também funcionando como ferramenta facilitadora para os demais alunos.

Metodologia:

Segundo SIMIELLI (2007): “o objetivo primeiro de se construir maquetes de relevo é o de possibilitar uma visão tridimensional das informações que no papel aparecem de forma bidimensional”. Além dessa possibilidade de visualização tridimensional pelos alunos, a maquete, através da exploração do sentido do tato, pode funcionar também como forma de percepção de relevo para um deficiente visual, como demonstrado no trabalho de OLIVEIRA, BIZ e FREIRE (2003).

Para promover uma pedagogia inclusiva que quebre com a hierarquia de melhores e piores e esteja em convívio harmonioso com as diversidades como sugere ANTUNES (2008), é preciso pensar formas que possibilitem a inserção dos alunos com necessidades diferenciadas em sala de aula.

Partimos da utilização de uma reportagem de jornal sobre um fóssil encontrado na Chapada do Araripe, localizada no estado do Ceará (O POVO, 2013) que foi lida em conjunto com a turma, para discutir as dinâmicas terrestres de formação do relevo da chapada no processo de fossilização. O jornal foi escolhido como recurso didático por possibilitar uma contextualização do conteúdo estudado, permitindo que o aluno que não tem possibilidade de acesso a notícias possa se situar em um mundo informatizado., visto que:

“Muitas crianças, principalmente as que vivem nas regiões menos desenvolvidas do país ou na periferia das grandes metrópoles, não tem quase acesso às informações veiculadas pelos meios eletrônicos. Por isso, cada professor deve considerar até que ponto seus alunos são ou não produtos de um mundo dominado pela comunicação” (PILLETI, 2007, p.155)

Para utilizar o recurso da maquete nas aulas de Geografia voltada para uma situação em que nos deparamos com a existência de alunos com deficiência visual em sala de aula de escolas inclusivas, simulamos uma aula seguida de discussão de autores que fundamentaram esta prática na disciplina de Oficina Geográfica III, do curso de licenciatura em geografia da Universidade Federal do Ceará, onde construímos uma situação de ensino aprendizagem em que os próprios alunos da disciplina representaram tal prática. Um dos alunos foi vendado para representar um deficiente visual, na qual o recurso didático da maquete foi um dos meios utilizados para tentar facilitar o entendimento do conceito de relevo.

Resultado e discussão:

Através de debate foi relatado pelos alunos da turma que a experiência da prática da aula simulada utilizando a maquete auxiliou a assimilação do conteúdo exposto, em especial para o aluno que foi vendado que pôde compreender e avaliar de forma crítica o conteúdo e seu processo de aprendizagem, como demonstra a Figura 1:



Figura 1: Aluno vendado explorando a maquete através do tato. Fonte: SILVA (2014).

Tal proposta didática atingiu de forma pedagogicamente positiva a turma como um todo, que se beneficiou de formas diferentes da utilização do recurso da maquete, oferecendo uma possibilidade de compreensão do relevo através do manuseio da maquete para o aluno vendado e uma visualização tridimensional importante para a assimilação do conteúdo proposto para os demais alunos.

A prática também gerou a discussão da turma sobre o tema da inclusão em sala de aula, se mostrando relevante no processo de ensino aprendizagem dos alunos da turma de Oficina Geográfica III. Através do debate os alunos foram levados a refletir sobre estratégias didáticas no ensino de deficientes, problematizando a utilização dos recursos didáticos e o contexto da inclusão no cotidiano da escola.

Conclusão:

A experiência didática realizada evidenciou a importância da utilização de recursos didáticos adaptados para o ensino inclusivo de geografia. O uso da ferramenta da maquete possibilitou a explicação do conceito de relevo através da exploração do tato, em alternativa ao método exclusivamente visual de explicação que excluiria o aluno que simulava deficiência visual. A maquete ainda serviu como apoio para a compreensão dos demais alunos, representando mais uma estratégia de ensino do conteúdo relacionado a relevo, se mostrando como uma ferramenta inclusiva que pode atuar como facilitador para a turma como um todo.

Referências:

ANTUNES, Celso. **Inclusão: O nascer de uma nova pedagogia**. São Paulo: ciranda cultural, 2008.

HARLOS, Fabiana Cristina Giehl; CASSULI, Danieli Cristina; RAFFAELL, Jair Antônio. **A educação cartográfica de pessoas com deficiência visual**. Revista Percurso (Online), v. 4, p. 43-59, 2012.

JORNAL O POVO. **Fóssil de pterossauro é descoberto na Chapada do Araripe.** O povo online. Disponível em:<http://www.opovo.com.br/app/fortaleza/2013/03/20/noticiafortaleza,3025734/fossil-de-pterossauro-e-descoberto-na-chapada-do-araripe.shtml>. Acesso em 15/05/2014

MASINI, E. F. S. **O perceber e o relacionar-se do deficiente visual; orientando professores especializados.** Revista Brasileira de Educação Especial. p. 29-39, 1990.

OLIVEIRA, Fátima Inês Wolf de; BIZ, Vanessa Aparecida; FREIRE, Maisa. **Processo de inclusão de alunos deficientes visuais na rede regular de ensino: confecção e utilização de recursos didáticos adaptados.** Núcleo de Ensino/PROGRAD – Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP – Campus de Marília, p.445-454, 2003.

PILETTI, Claudino. **Didática geral.** 23.ed. SÃO PAULO: Ática, 2007. 258pp.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos; GIRARDI, Gisele; MORONE, Rosemeire. **Maquete de relevo: um recurso didático tridimensional.** Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, nº 87, p. 131-148, Dez. 2007.